

Daniel Menezes Coelho<sup>1</sup>  
UFS

A edição de julho a dezembro de 2013 de *Clínica & Cultura* põe acento na psicanálise. São notórias as suas contribuições para o campo do pensamento sobre a cultura. Ainda que, por vezes, pese sobre ela a crítica mal-informada de subjetivismo (talvez pela impressão de se admitir apenas um por vez no consultório, onde supostamente é o terreno do íntimo que é abordado), a psicanálise participou ativamente das discussões e dos movimentos culturais durante sua existência; produziu sua crítica ao ambiente cultural no qual vive; produziu, a partir dessa crítica (movida sobretudo pela prática clínica), uma teoria da cultura, cujo ponto central é a inadequação indelével do sujeito dentro dela, ao mesmo passo que o laço problemático entre sujeito e cultura é afirmado como necessário.

Em se tratando da teoria do sujeito, o tema da alteridade é sempre presente. Um sujeito, para a psicanálise, se constitui a partir do outro: do seu olhar e da sua voz, da sua demanda e da sua resposta; encontra ali um molde para o próprio corpo (imaginário e simbólico); encontra também um modelo de ser (um ideal); ainda, um algo a ter (objeto). Não obstante, o outro é, sempre, problema: há descompasso nas trocas simbólicas que se iniciam com o olhar e a voz; há falhas na composição do corpo; o modelo que inspira é também o juiz e o carrasco; o amor se perde, por morte ou indignidade. O outro, na psicanálise, é o que constitui, mas também o que destrói. E nem sempre de fora: textos, como *O inquietante*, que Freud escreve em 1919, desnudam, na sensação do estranhamento, uma incômoda alteridade no seio mesmo do íntimo, no olhar de relance à imagem de si no espelho. O laço social, sob o olhar da psicanálise é, então, essencialmente problemático – mesmo que seja aquele que te une a ti mesmo.

No campo da teoria da clínica, as coisas estão longe de se darem, como quer a crítica mal informada, na pura intimidade. Tal crítica fica vedada, de saída, pelo que colocamos no parágrafo anterior: um sujeito só se constitui em seu laço problemático com o outro. Mas o erro maior é deixar-se enganar pela impressão de que há apenas um no consultório. De início, são, pelo menos, dois – ainda que seja função de um manter-se em apagamento. Tal apagamento não visa, como poderia supor-se, deixar o outro sozinho, mas, ao contrário, é o que possibilita, numa cena fantasiosa, que diversos outros ali se instalem, que o laço problemático se repita em ato, e que com sorte resolva-

---

<sup>1</sup> Professor adjunto IV no Departamento de Psicologia e no Núcleo de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal de Sergipe. Psicanalista. Editor de *Clínica & Cultura*. E-mail: daniel7377@gmail.com

se, não sem problemas, mas implicando um pouco menos de sofrimento ou uma relação diferente com este.

É preciso indicar ainda que o alcance da conceitualização da transferência não se detém em ensinar o psicanalista a oferecer-se como suporte da repetição do paciente. Há, implícito nele, um compromisso ético e uma discussão política, explicitados em *Psicologia das massas e análise do eu*<sup>2</sup>: a situação da transferência não difere muito da antiga situação hipnótica do tratamento por sugestão, que originou a psicanálise, salvo que o analista se abstém de qualquer outra sugestão que não a de se continuar o trabalho, e liquida seu laço quando avalia que este está terminado. É aqui, essencialmente, que o psicanalista difere-se do hipnotista, tanto o clínico como o político, ao devolver ao analisando, em vazio, seu apelo por uma direção. Se nisso o desamparo revela-se incontornável, e no processo se desnuda toda a teia que enrosca o sujeito em seus outros – como dissemos, de fora e de dentro – a mira está sempre no que é possível em termos de liberdade e de autonomia. Nisso, a psicanálise encontra seu laço com os ideais modernos, mas impõe a eles um quase sem fim de críticas – impõe, a bem dizer, uma perspectiva trágica.

Quatro artigos deste número tomam a psicanálise como campo de trabalho. O leitor a verá aparecer ora sob a perspectiva do trabalho clínico (*Prática lacaniana em uma instituição de saúde mental*), ora na discussão crítica da modernidade (*Uma nota sobre o mal-estar na modernidade*), ora na intersecção com a filosofia (*Psicanálise, antiplatonismo, e a questão dos dualismos*), ora como ferramenta da análise literária (*Personagem e autoria – a Budapeste de Chico Buarque*). Trazemos ainda uma tradução de um pequeno texto do próprio Freud, *A cabeça de medusa*, publicado postumamente e pouco conhecido. A tradução, feita diretamente do alemão original, traz uma rica apresentação, resgata o hoje esquecido (e vilipendiado) interesse de Freud pela mitologia, e indica articulações do tema na obra do próprio Freud e na de Ferenczi.

Publicamos, ainda, junto a este número, a lista dos pareceristas que auxiliaram na avaliação dos artigos. Trabalho essencial, que geralmente se passa na sombra, dada sua natureza mesma, que obriga o sigilo, é preciso, àqueles que o realizam, ao menos, publicar nosso agradecimento.

A revista conta agora com revisão técnica para a língua portuguesa (editor de texto), de modo a garantir a qualidade formal dos artigos.

### Referências Bibliográficas

Birman, J. (2012): “Modernismo e psicanálise: a problemática da influência na crítica freudiana do dispositivo da hipnose e na constituição do dispositivo da transferência”. Em *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 46, n.2, p. 47-64. São Paulo, 2012.

---

<sup>2</sup> Ver também, sobre isso, Birman (2012).

Freud, S. (2010), O inquietante. Em *Obras Completas*, vol. 14 (pp. 328-376). São Paulo: Companhia das Letras (original publicado em 1919).

Freud, S. (2011), Psicologia das massas e análise do eu. Em *Obras Completas*, vol. 15 (pp. 13-113). São Paulo: Companhia das Letras (original publicado em 1921).